

Praia do Canto convive com a descaracterização

AM9774

Cláudia Feliz

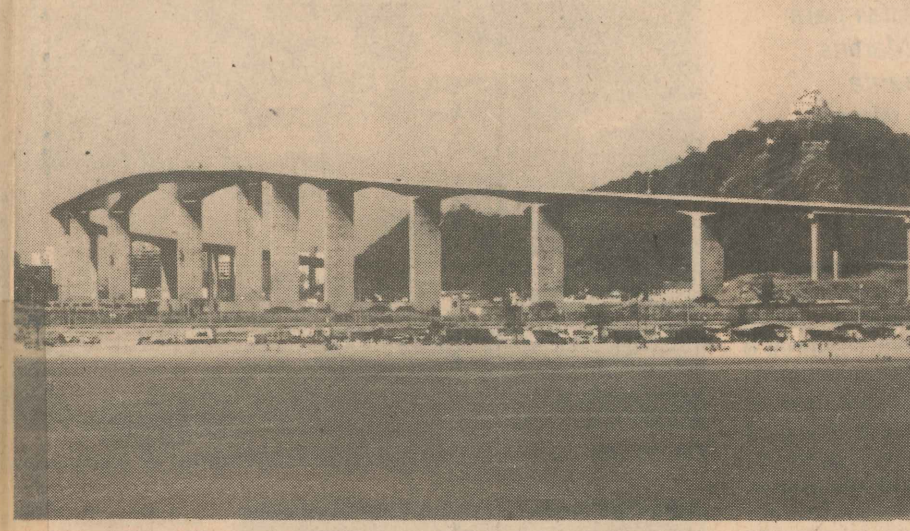
Está na Praia do Canto o metro quadrado residencial mais caro da ilha de Vitória. Ele fica localizado na elegante Saturnino de Brito, que reúne apartamentos sofisticados, beneficiando seus moradores com a bela paisagem do mar, e chega a custar NCz\$ 1,5 mil. Contraditoriamente, esta mesma avenida, que recebe o nome do engenheiro positivista que projetou o bairro, é vítima de alagamento em dias de chuva forte. O mar visto das janelas dos prédios elegantes também não convida a mergulhos sem risco de contaminação por coliformes fecais. É que o bairro mais nobre de Vitória não está imune a alguns dos problemas que afetam seus vizinhos mais simples. A Praia do Canto, é claro, possui infra-estrutura das melhores em se tratando de um bairro numa capital cercada de complicações por todos os lados, mas registra um processo acelerado de descaracterização, temendo agora mais problemas com a chegada dos 12 mil veículos que a Terceira Ponte planeja “despejar” na região, diariamente, dentro de poucos dias com a sua inauguração. O presidente da Associação de Moradores, Jorge Lopes, garante que até invasão de terra a Praia do Canto registra, e lamenta o fato de a elite instalada no bairro não se organizar enquanto comunidade para lutar por seus direitos.

Jorge Lopes chegou à Praia do Canto há 20 anos, atraído também pela possibilidade de poder criar seus filhos morando de frente para uma praça, cujo espaço estava reservado no cruzamento das ruas Dom Pedro II e João da Cruz. Os anos se passaram e, certo dia, a área foi invadida por particulares que hoje, segundo ele, edificam no local um minishopping center. Alencar também garante que ao longo do canal de Camburi acontecem as “invasões de ricos”, geradas pela ampliação de ‘quintais’.

Invasão sim, mas com muita classe porque a Praia do Canto mantém a pose. Aliás, segundo o cabeleireiro Sérgio Herzog, que mora atualmente em Vila Velha “por opção”, mas mantém um salão de beleza no “centrão” da Praia — é assim que ele define a rua Moacir Avidos — pose é o que muita gente tenta manter morando



Fotos de Gildo Loyola



A bela e nobre Praia do Canto, com suas ruas largas e arborizadas, tem sérios problemas de lixo e praias proibidas para o banho. Agora, seus moradores estão amedrontados com a Terceira Ponte, que ameaça “despejar” no bairro mais de 12 mil carros diariamente, assim que for inaugurada, nos próximos dias.

Bairro foi projetado em 1896

Foi o positivista Saturnino de Brito quem elaborou o projeto de urbanização envolvendo a região compreendida entre o atual bairro de Bento Ferreira e o canal de Camburi. No meio dessa região, está a Praia do Canto, com suas ruas largas, cuja metragem é múltipla de sete, o mesmo acontecendo com os terrenos. O projeto data de 1896.

Foi a partir de 1924 que a região recebeu obras de urbanização mas em 1910, em busca de caça, Nicolau Von Schilgen, um imigrante alemão, “descobriu” a Praia do Canto como local de moradia até hoje mantido pelo filho, o magnata de Vitória, Carlito Von

lo, das peladas de rua em frente ao atual bar Miramar, dos mergulhos do trampolim na praia então sem poluição, aterrada a partir da administração de Cristiano Dias Lopes, com a criação da Comdusa.

O mar chegava bem pertinho da avenida Saturnino de Brito e a região era dividida entre as praias de Santa Helena, Barracão, Comprida e Iate. Carlito lembra do tempo em que adolescentes brincavam juntos independente do poder aquisitivo de suas famílias, e também do dinamismo do clube Centenário, do qual, hoje, é presidente de honra. O Centenário tem 4 anos de idade.

Canto. Bem em frente a oficina do Wilson Nunes há uma casa simples onde se criam galinhas no quintal. No bar Adriana, localizado na rua Eurgênio Netto, Alcenir de Almeida Farias, 52, que herdou o estabelecimento do sogro, parte da história da Praia está guardada. Pequeno e com garrafas de cachaça nas prateleiras, o Adriana é “um peixe fora d’água” mas que resiste, mantendo o tradicional jogo de dominó na calçada. A bebida, diz Farias, é consumida por operários que constroem os prédios da Praia do Canto moderna.

Na mesma rua, a família de Alcenir também tenta resistir às constantes pro-

de todo o município — “não podemos exigir do poder público tratamento diferenciado porque pagamos o imposto mais elevado” — preocupa-se com os reflexos da Terceira Ponte no trânsito da região. “Se não houver cuidado, preocupação, isso aqui vai virar um inferno”, garante.

O presidente da Companhia de Exploração da Terceira Ponte (Ceterpo), João Luiz Tovar, sabe disso. Morador da Saturnino de Brito, inimigo da poluição sonora gerada, principalmente, pela praça dos Namorados — “nos finais de semana me refugio em Guarapari” —, Tovar não está nada satisfeito com o fato de a Prefeitura de Vitória até agora não ter definido os acessos da ponte. “Ela demorou 11 anos para ser construída e há dois anos a PMV discute os acessos. Rejeitaram o projeto da Ceterpo, que previa a divisão da praça

cam no local um minishopping center. Alencar também garante que ao longo do canal de Camburi acontecem as "invasões de ricos", geradas pela ampliação de "quintais".

Invasão sim, mas com muita classe porque a Praia do Canto mantém a pose. Aliás, segundo o cabeleireiro Sérgio Herzog, que mora atualmente em Vila Velha "por opção", mas mantém um salão de beleza no "centrão" da Praia — é assim que ele define a rua Moacir Avidos — pose é o que muita gente tenta manter morando no bairro a duras penas, só para vender uma imagem de "classe alta". Herzog diz que in é morar numa boa casa com toda a infra-estrutura, mas garante que a classe média decadente insiste em se manter na Praia do Canto para ostentar um falso padrão de vida. "É claro que aqui mora muita gente de classe, refinada mesmo, mas não são raros os casos de clientes que vivem esquecendo o talão de cheques em casa na hora de pagar as contas", admite ele, que ali morou durante 15 de seus 33 anos de vida.

Desvantagens?

Em toda a região, o preço médio do metro quadrado gira em torno de NCz\$ 600,00, com apartamentos de três quartos, na Moacir Avidos, sendo vendidos a NCz\$ 150 mil. Alugar imóvel na Praia do Canto significa ter que desembolsar razoável quantia de cruzados — NCz\$ 800,00 em média, por um dois quartos, por exemplo. Com amplas ruas e demonstrando, pela arquitetura e quantidade de prédios, o resultado do boom imobiliário ali registrado a partir da década de 60 — hoje são raras as casas e praticamente não há área para comercialização — o bairro, cujo Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) é também o mais caro da capital, devido ao valor venal de seus imóveis, também tem problemas, uma verdadeira lista.

Fora desta lista, é claro que não pode ficar a insegurança. A principal queixa dos moradores diz respeito à inexistência de policiamento ostensivo, algo que o próprio delegado de Segurança Patrimonial, Aloir dos Santos, também considera importante. Píquetes e assaltantes optam pela Praia do Canto, atraídos pelo fato de ser uma região de maior poder aquisitivo. O delegado não tem dados estatísticos, mas garante que, embora alto, o índice de assaltos não chega a ser alarmante, lembrando que insegurança há em todo lugar.

O maior nível de renda da população é o principal atrativo para as atividades comerciais que proliferam na Praia do Canto, um bairro praticamente independente. Os moradores podem ficar vários meses sem, necessariamente, ter de se deslocar até o centro da cidade. A dona de casa Edis de Souza, que mora na rua Celso Calmon, por exemplo, não sai do bairro em direção ao centro, para compras, há quatro meses, e acha que a vida ali ainda consegue ser calma e agradável.

Poluição

Ao lado do prédio onde Edis mora há dez anos, havia um bar e restaurante,

ção em vendo a região compreendida entre o atual bairro de Bento Ferreira e o canal de Camburi. No meio dessa região, está a Praia do Canto, com suas ruas largas, cuja metragem é múltipla de sete, o mesmo acontecendo com os terrenos. O projeto data de 1896.

Foi a partir de 1924 que a região recebeu obras de urbanização mas em 1910, em busca de caça, Nicolau Von Schilgen, um imigrante alemão, "descobriu" a Praia do Canto como local de moradia até hoje mantido pelo filho, o ex-prefeito de Vitória, Carlito Von Schilgen.

Privilegiado

Von Schilgen é um privilegiado. Aos 61 anos de idade, junto com a mulher, desfruta da natureza numa área recheada de aroeiras, cipós-de-leite, imbaúbas, acácias, e até uma gabirola, nativa, com 90 anos de idade. É o maior contribuinte de IPTU, enquanto pessoa física, do município, e uma lembrança viva da Praia do Canto dos tempos do ônibus de hora em hora, do "seu" Qui-

polim na praia em uma sem poluição, aterrada a partir da administração de Cristiano Dias Lopes, com a criação da Comdusa.

Atualmente fechado, responsável por um problema que cresce e assusta os moradores de toda a região: poluição sonora. É que a vida noturna, na sofisticada Praia do Canto, resume-se a barzinhos, muitos barulhentos com suas mesas e cadeiras ocupando calçadas e alguns com música ao vivo.

Há quem, como o empresário Edgard Rocha Filho, não entenda por que Vitória tenha opções de lazer tão limitadas. A Praia do Canto, pela imagem de sofisticação que tenta oferecer, bem que merecia um cinema ou pequeno teatro. "A Praia é o melhor local para se morar, mas pena que nela a vida noturna se resume a bote-

Das janelas dos prédios elegantes da avenida Saturnino de Brito pode-se ver uma praia poluída e uma bela praça que foi construída com toda sofisticação

lote, mas conforme admite seu atual presidente, o mecânico Wilson Gomes Nunes, não acompanhou o bairro. O time de futebol tem atletas "importados" de outros locais e sua atividade mais dinamizada são os bailes de fim de semana, frequentados por pessoas de baixo poder aquisitivo. Nunes, porém, garante que alguns rapazes da Praia do Canto, de melhor padrão, até aparecem por lá aos domingos, embora não gostem de admitir para os amigos.

Aos 34 anos, ele lembra do tempo em que todos se conheciam na Praia do

significa correr risco de contaminação por coliforme fecal, problema que atinge toda a capital, conforme lembra a secretária de Meio Ambiente da Prefeitura de Vitória, Heloísa Dias. Há seis anos na Praia do Canto, ela diz que gosa do local, bem-servido em termos de serviços básicos, mas só se banha nas águas de Manguinhos e, se pudesse escolher, hoje noraria num local de praia de menor densidade populacional, mais primitivo.

Desrespeito não

Bem, se o mar é contaminado, resta a opção das praças dos Namorados e dos Desejos. Democráticos, da Saturnino de Brito, às ruas menos nobres, muitos moradores não criticam o fato de as áreas de lazer, instaladas na região, não servirem só à comunidade local. Elas são "do mundo", e ficam muito mais coloridas e agitadas nos finais de semana quando grande parte da população de Vitória se desloca para lá levando crianças, skates, patins e dinheiro no bolso para consumir tudo o que as feiras oferecem. "Durante a semana só mesmo a insegurança incomoda. A praça é ótima, linda, e levo sempre minhas crianças até lá", garante Maria Helena Santana.

De sua janela privilegiada, o ex-prefeito de Vitória, Chrisógono Cruz, também desfruta da visão da enorme área de lazer. Bonita, admite, mas barulhenta demais para o seu gosto. "Nos sábados e domingos não há tranquilidade para quem mora nas proximidades porque aquilo lá virou uma agitação só. Estão transformando uma praça de lazer, com quadras de esporte, bancos, em palco de eventos sociais. Música alta da pior qualidade, gincanas... Dentro da Praia do Canto também há música alta, bebedeira, gritaria. Transformaram o bairro num inferno como Jardim da Penha e Camburi", garante ele. E Chrisógono que

criam galinhas no quintal. No bar Adriana, localizado na rua Eurgênio Netto, Alcenir de Almeida Farias, 52, que herdou o estabelecimento do sogro, parte da história da Praia está guardada. Pequeno e com garrafas de cachaa nas prateleiras, o Adriana é "um peixe fora d'água" mas que resiste, mantendo o tradicional jogo de dominó na calçada. A bebida, diz Farias, é consumida por operários que constroem os prédios da Praia do Canto moderna.

Na mesma rua, a família de Alcenir também tenta resistir às constantes propostas de compra do terreno formado por quatro lotes. "Isso aqui vai virar uma cidade de arranha-céus mas eu resisto porque acho que apartamento é como prisão", diz ele, queixando-se da insegurança e da violência que chegaram ao local. O médico Carlito Von Schilgen, que hoje mantém sua vida de professor da Emescam e estudioso da Aids, diz que vê com naturalidade o crescimento da cidade, mas lamenta alguns transtornos que chegaram com o progresso, como a poluição, por exemplo.

aguarde porque o Forró do Lula, o presidencial do PT, já está programado para a praça dos Namorados.

Mas o ex-prefeito não nega: "Não há outro bairro melhor em Vitória, porque a Praia do Canto ainda mantém seu fascínio". Também concorda com ela e socialite Vânia Sarlo Tironi, que ali chegou em 1954 e acha o local colorido, alegre. Vânia só lamenta pela falta de segurança — recentemente, em plena via pública da Praia do Canto, às 7 horas da manhã, Vânia perdeu sua amiga Maria Nilce dos Santos Magalhães, assassinada. "Estão, literalmente, roubando até sanduíche da boca de crian-

A Praia do Canto continua enfrentando o processo de descaracterização e seus moradores agora temem também os 12 mil carros que serão "despejados" na região pela 3ª Ponte

ça", garante. E também não deixa de citar outro problema: o trânsito.

O comandante da Companhia de Trânsito, capitão De Angeli, admite que, com seus muitos cruzamentos, a Praia do Canto necessita, urgentemente, de um serviço de engenharia física que canalize o fluxo de veículos que por ali trafega diariamente. "Não tenho homens para colocar em cada cruzamento e o bairro carece de sinalização", diz ele.

Temor pelo inferno

O corretor de imóveis José Luiz Kfuri tem consciência do problema, e embora ache que a Praia do Canto não pode ser vista como uma "ilha", isolada do contexto

aqui vai virar um inferno", garante.

O presidente da Companhia de Exploração da Terceira Ponte (Ceterpo), João Luiz Tovar, sabe disso. Morador da Saturnino de Brito, inimigo da poluição sonora gerada, principalmente, pela praça dos Namorados — "nos finais de semana me refugio em Guarapari" —, Tovar não está nada satisfeito com o fato de a Prefeitura de Vitória até agora não ter definido os acessos da ponte. "Ela demorou 11 anos para ser construída e há dois anos a PMV discute os acessos. Rejeitaram o projeto da Ceterpo, que previa a divisão da praça Christóvão Jacques e a utilização da avenida Nossa Senhora da Penha. Sem essa alternativa, o acesso não será bom", garante ele.

O secretário do Planejamento de Vitória, Fernando Betarello, faz logo questão de lembrar que a administração petista só existe há seis meses e admite: a PMV está estudando, junto com o Instituto Jones dos Santos Neves, duas alternativas de acesso à Terceira Ponte, mas a escolhida — isso deve acontecer amanhã ou terça-feira — pode não ser definitiva. "O projeto que a Prefeitura havia apresentado à Ceterpo na administração passada foi reprovado nos testes de simulação feitos com computador", diz ele.

Betarello diz que é preciso pensar não só no trânsito, vendo a cidade de forma humanizada. "A retirada de praças e canteiros agride as pessoas, faz com que elas percam a referência, a identidade com o local onde moram", explica, embora há quem diga que só sem a praça Christóvão Jacques — ou com sua subdivisão — é que o acesso à ponte seria perfeito, e essa alternativa, que é a única definitiva, não está descartada.

Para o secretário, o limite físico do centro da cidade induziu o comércio a procurar outros caminhos, e a expansão acabou se dando rumo à zona Norte, seguindo até a Serra, no Civit. O Plano Diretor Urbano (PDU) disciplinou a tendência, embora Chrisógono Cruz o acuse de ter gerado a proliferação desordenada de estabelecimentos comerciais na Praia do Canto. Criado há dez anos, o plano vai ser revisto, diz Betarello, "porque a cidade é viva, dinâmica, e por isso o PDU não pode ser estático". A revisão começará por Jardim da Penha, onde é forte a pressão do comércio, vindo também para a Praia do Canto, e se viabilizará a partir de consultas à população. Uma equipe já estuda a reformulação.

Durante os quatro anos em que o PDU foi elaborado e discutido, segundo o secretário, nunca a população da Praia do Canto demonstrou preocupação em exigir do poder público a limitação do avanço comercial no bairro. Essa omissão é sentida por Jorge Lopes, que preside a Associação de Moradores da região, cujas reuniões não são prestigiadas. Lopes, porém, tem uma explicação: é que a Praia reúne uma população elitizada, acostumada a solucionar seus problemas com um simples telefonema. "Aqui ninguém se organiza enquanto comunidade e é por isso que o poder público sempre tende a imaginar que o bairro já está pronto e não precisa de mais nada. O que é um grande engano", diz ele.